

1 - Repercussão / imediatismo / não visusalizar	2
2 - Investimentos	3
3 - Até Conselho.....	5
4 – Debate há 4 anos / atraso / perdemos oportunidade / começamos em 91	5
5 – 2 anos após produção.....	6
6 – Risco e oportunidade	7
6.1 - Problemas.....	7
7 – Divisão: pressa / sem pressa, quem pressiona (indústria, rad divididos).....	9
8 – Padrão: sim e não	12
9 – Necessidade de modelo	13
10 – Mais importante, particular.....	14

1 - Repercussão / imediatismo / não visualizar

01-"A nosso ver, há, realmente, um **business** complexo. Isso demandaria, de fato, uma política de Governo, uma política de Estado. Não basta, simplesmente, um Ministério estar envolvido nesse processo. Há de se convir que o Ministério de Relações Exteriores, com suas políticas, deve estar presente, também, nessa discussão, além do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio e do Ministério da Ciência e Tecnologia. São tantos os aspectos a serem ponderados e negociados em uma tomada de decisão, que, sem isso ser apresentado de maneira prévia, na Mesa, antes da tomada definitiva da decisão por parte do padrão, correremos o risco de ficar, depois, sem condições de negociação. Realmente, deveria haver uma comissão multidisciplinar que conduzisse esses assuntos, porque envolvem, realmente, uma complexidade enorme". (Miguel Cipolla Júnior, Diretor de Tecnologia e Desenvolvimento da Rede Bandeirantes – 27/11/2001

01-Para encerrar, penso que o que está em jogo na digitalização da TV é a exploração desse canal de 6 MHz à luz da interação. Falta ainda muita discussão da sociedade a respeito do que é essa interação, do que é essa convergência. Às vezes, pela pressão, queremos ser imediatistas e não conseguimos vislumbrar toda uma cadeia de negócios que integrará os brasileiros nos próximos 20, 30 anos. Temos que pensar um pouco sobre isso. E os brasileiros, em razão da sua tolerância, da sua capacidade de absorver tecnologia, são únicos no mundo em relação a isso. (Marcelo Knörich Zuffo, Engenheiro Eletricista, professor da USP – 26/9/2002)

2 - Investimentos

02-"Lembro aos senhores que no momento em que havia um prazo claramente definido para que a opção pelo padrão ficasse definida, alimentávamos preocupações, até pelas razões expostas em função da experiência no resto do mundo. Acreditamos, entretanto, que a nova postura governamental é extremamente prudente. Temos consciência de que é um negócio que envolve uma movimentação da ordem, espera-se, de US\$100 bilhões, o que para a economia brasileira é fundamental, e que todos os esforços no sentido de obter vantagens para o interesse nacional em termos de contrapartidas e de negociações são bem vindos e convenientes". (Antonio Telles, Presidente da União Nacional de Emissoras e Redes de Televisão – UniTV – 11/6/2002)

02-"Trata-se de investimentos bastante altos cujo retorno será muito a longo prazo. Precisaremos ter uma regulamentação flexível que nos dê tempo e oxigênio para implantar essa tecnologia em um prazo que seja viável. É um desafio enorme para todos nós que estamos nesse assunto, porque é algo de que não podemos fugir. Precisamos caminhar para a TV digital, senão ficaremos para trás. Ao mesmo tempo, é um investimento muito alto com retorno duvidoso e a longo prazo". (Fernando Bittencourt, Coordenador do Grupo ABERT/SET – 27/11/2001)

02-Começarei pela urgência, que é uma questão central nessa discussão, no sentido de que não há urgência, no meu ponto de vista. Tomar uma decisão precipitada pode ser extremamente oneroso, que envolverá, pelo menos, uma centena de bilhão de dólares. Certamente, uma decisão inadequada repercutiria por algumas dezenas de anos, talvez 30 anos, como foi mencionado. (Max Henrique Machado Costa: Engenheiro Elétrico, professor da UNICAMP – 26/9/2002)

02-E há a questão dos investimentos brutais por parte das operadoras. Não estamos falando disso, mas eles sabem que o custo é alto. Só em termos de torres de retransmissão, é algo fantástico. No caso do Brasil, que tem uma imensa área – porque não vamos ter TV digital só em São Paulo, Rio de Janeiro ou Brasília, isso seria antidemocrático –, devemos pensar que essas torres estarão espalhadas por todo o País. A informação que recebi da **Rede Globo** é de algo extraordinário, muito dinheiro! . (Arnaldo Gomes Serrão, Coordenador-Geral das Indústrias Intensivas em Tecnologia da Secretaria do Desenvolvimento da Produção do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – 1/10/2002)

02-Em relação à questão levantada quanto aos prazos, a respeito da premência em função da possibilidade de se perderem oportunidades, penso que isso também é importante. Há o ditado de que quem fica parado pode perder o bonde da história, mas, por outro lado, também há a máxima de que quem tem pressa come cru e quente. A questão, portanto, tem de ser muito ponderada. Não existe uma verdade clara. É evidente que não podemos tomar uma decisão de afogadilho, escolhendo um padrão que poderá ficar conosco por 30 anos, envolvendo cifras de centenas de bilhões de dólares. Por outro lado, também não podemos sit back and relax, como falei metaforicamente, no início. Temos de fazer um acompanhamento pró-ativo, devemos nos envolver, da melhor maneira, com o desenvolvimento de tecnologias com que possamos competir e acompanhar o momento certo para fazer a escolha do padrão e a negociação. (Max Henrique Machado Costa: Engenheiro Elétrico, professor da UNICAMP – 26/9/2002)

3 - Até Conselho

4 – Debate há 4 anos / atraso / perdemos oportunidade / começamos em 91

04- questão do prazo me lembra o ideograma chinês que relaciona oportunidade e risco. Como tudo na vida, quando há risco, há oportunidade e vice-versa. Já perdemos a oportunidade do sistema brasileiro, porque ficamos discutindo, discutindo, discutindo, e a oportunidade passou; perderemos outras se continuarmos a discutir durante muitos anos. Lemos todos os dias nos jornais e nas revistas especializadas que a maioria dos países tem prazos para começar e finalizar a transmissão digital de televisão. Isso significa que o sistema analógico será obsoleto. (Fernando Bittencourt, membro do Conselho de Comunicação Social, engenheiro com notório conhecimento na área de Comunicação Social)

04-"Quanto ao prazo e quanto ao risco, às vezes dizem que a decisão é açodada. Quero lembrar que os radiodifusores brasileiros começaram a estudar o assunto em 1991, portanto, anterior à formação do ATSC, atual comitê americano. Ou seja, começamos a estudar a TV Digital simultaneamente com os americanos. Em 1994, formou-se o Grupo SET/ABERT. Os Estados Unidos defenderam o seu sistema e decidiram de acordo com as suas conveniências. O europeu fez o mesmo, e o japonês também está fazendo o mesmo.

04-Com relação ao tempo para decidir: também não concordo que precisamos tomar essa decisão ainda este ano, podemos esperar um pouco. E também concordo com o Hélio que não podemos adotar a postura passiva de aguardar o que vai acontecer. Demos início à discussão de maneira atrasada. O debate que ocorre hoje deveria ter ocorrido há quatro anos. (Guido Lemos De Souza Filho, coordenador da Comissão Especial de Sistemas Multimídia e Hipermídia da Sociedade Brasileira de Computação e Diretor Executivo do Laboratório Nacional de Redes de Computadores – LARC – 26/10/2002)

04-O atrativo é o País participar, desde o começo, da evolução, do desenvolvimento dessa tecnologia – uma oportunidade rara. Vejam bem, em relação aos três padrões existentes, nosso papel foi totalmente passivo. Não participamos de nada. O padrão europeu, por exemplo, foi criado num grupo de vários países, não só europeus, que estudaram e tiveram a oportunidade de evoluir na própria atividade. Estamos simplesmente pegando um prato feito. (Arnaldo Gomes Serrão, Coordenador-Geral das Indústrias Intensivas em Tecnologia da Secretaria do Desenvolvimento da Produção do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – 1/10/2002)

5 – 2 anos após produção

05-Temos calculado que serão necessários dois anos para o sistema entrar em funcionamento, uma vez definido o padrão. No entanto, é preciso ver que a introdução será lenta. A descontinuidade é uma abstração dos matemáticos. Não existe. O que vai ocorrer no primeiro momento? Quem quiser ter a recepção digital comprará uma unidade, que será acoplada ao seu receptor. Assim, terá as facilidades iniciais da TV digital. Aos poucos, com a escala de produção e integração do sistema na televisão, o preço ficará acessível para as pessoas de baixa renda. Inicialmente, não será todo mundo que terá televisão digital. Será um processo demorado – talvez de quinze anos. (Hélio Graciosa, Presidente da Fundação CPqD – 26/9/2002)

6 – Risco e oportunidade

06-"Assim qualquer decisão sobre esse assunto, não poderá e nem deverá ser feita de forma açodada, pois nada há que exija uma aceleração no processo, com os inerentes riscos de equívocos. Aliás, não temos, neste momento, nenhum precedente de sucesso em outras partes do mundo que nos estimule ou obrigue a uma tomada de decisão; além do que a conjuntura econômica, nacional e internacional, aponta para uma escassez de recursos financeiros que seriam imprescindíveis para essa implementação. Para tal, entendemos que o Governo deva estabelecer prazos e políticas necessárias a garantir o sucesso da radiodifusão digital, em benefício de toda a população por ela atingida, evitando eventuais concorrências prematuras, de outras mídias, que, se implantadas sem um critério justo e de forma coordenada, poderão impedir, ou dificultar, o desenvolvimento dos novos serviços da TV digital terrestre, como por exemplo aconteceu recentemente com o estabelecimento dos serviços de comunicação multimídia – o que, a nosso ver, foi criado de uma forma prematura". (Miguel Cipolla Júnior, Diretor de Tecnologia e Desenvolvimento da Rede Bandeirantes – 27/11/2001)

06-"É apenas durante essa fase de definição que o País pode estabelecer as condições favoráveis no que diz respeito à negociação de **royalties**, às contrapartidas para transferência dessa tecnologia, como também garantir assento nos organismos responsáveis pela evolução tecnológica. (...) É nosso entender que é mais importante uma sólida negociação de contrapartidas com os detentores da tecnologia do que a rápida conclusão das negociações". (Marco Aurélio de Almeida Rodrigues, Vice-Presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica — ABINEE – 11/6/2002)

6.1 - Problemas

06.1-Aqui foi dito, não sei por quem, que a TV digital está dando problema em todos os lugares – essa é uma verdade. Em todos, talvez seja exagero, mas nos Estados Unidos há um problema muito sério. E tenho notícias de que na Espanha há problemas financeiros da operadora. A Austrália começou com o DVB de alta definição e parece que, agora, já permitiu a transmissão **standard**. Aparentemente os ajustes não são simples, ou por questão dos modelos de negócio, não sei se pela questão da rentabilidade, o que for. (Arnaldo Gomes Serrão, Coordenador-Geral das Indústrias Intensivas em Tecnologia da Secretaria do Desenvolvimento da Produção do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – 1/10/2002)

06.1-Vimos o que aconteceu na Inglaterra e na Espanha. Eles estão voltando à carga, com uma carga útil reduzida para 13 megabites por segundo, ou seja, os 20 megabites por

segundo, que são necessários para HDTV, não poderão ser transmitidos em função de problemas de interferência com o sistema de celulares. Eles tiveram de fazer um back off para evitar interferência com outros sistemas e, em função disso, tiveram problemas de qualidade e tudo isso. Devemos aguardar, verificar o que está acontecendo nos outros países, nos outros grupos, e, inclusive, o que vai acontecer no Japão, porque o sistema japonês existe em protótipos, mas o próprio Japão ainda não utiliza um sistema de televisão digital implantado com a tecnologia ISDB. Eles têm aquele sistema que mencionei no começo, o histórico sistema Muse, via satélite, mas ainda não está implantado no Japão um sistema de teledifusão terrestre digital. Imagina-se que, a partir do próximo ano, haja as primeiras operações. Devemos aguardar e ver o que acontece. (Max Henrique Machado Costa: Engenheiro Elétrico, professor da UNICAMP – 26/9/2002)

7 – Divisão: **pressa / sem pressa, quem pressiona (indústria, rad divididos)**

07-"Assim, qualquer decisão sobre esse assunto imaginamos não deva ser tomada de forma açodada, porque não há nada que exija aceleração no processo, com os inerentes equívocos e riscos dessa decisão. Aliás, como já foi dito, não há precedente algum de sucesso dessa implantação em outras partes do mundo que nos obriguem a tomar uma decisão de forma açodada. Assim, imaginamos que deva haver, por parte do Governo, o estabelecimento de prazos e políticas necessárias a garantir o sucesso da radiodifusão digital em benefício de toda a população por ela atingida, evitando-se eventuais concorrências prematuras de outras mídias". (Miguel Cipolla, Diretor de Tecnologia da União Nacional de Emissoras e Redes de Televisão — UNERT – 24/4/2002)

07-Concordo com V. S^a quanto à questão das patentes. É importante o custo que será associado à exploração dessas patentes. V. S^a mencionou o prazo de dez anos renováveis. Isso talvez corrobore a idéia de que a pressa pode ser inimiga. (Max Henrique Machado Costa: Engenheiro Elétrico, professor da UNICAMP – 26/9/2002)

07-Creio que não há urgência, pelo contrário, devemos tentar fazer desse limão uma limonada e devemos tentar aproveitar o desenvolvimento tecnológico do mundo, muito rápido por sinal. Devemos tentar acompanhá-lo, verificando de que forma os padrões vão evoluindo no sentido de se adequarem aos requisitos estabelecidos, utilizando esse acompanhamento num processo de negociação que talvez esteja um pouco amarrado, como disse o Conselheiro Fernando – também acho. (Max Henrique Machado Costa: Engenheiro Elétrico, professor da UNICAMP – 26/9/2002)

07-E é natural que essa adaptação seja razoavelmente gradativa, porque as coisas estão acontecendo numa velocidade muito grande em termos de mudança de tecnologia. Não podemos ficar nos adaptando à tecnologia na mesma velocidade em que ela é gerada. Temos de aguardar e verificar a melhor forma de incorporação dessa tecnologia aos processos de **broadcasting** do País. (Max Henrique Machado Costa: Engenheiro Elétrico, professor da UNICAMP – 26/9/2002)

07-Então, quando se fala em risco e oportunidade, eu concordo: o radiodifusor brasileiro conta com 50 anos de serviços prestados, mas está abrindo mão de um modelo para ir para outro desconhecido, creio que muito mais por uma responsabilidade social do que por conveniência. Seria muito conveniente para nós continuarmos como estamos. Também estamos com crise no setor, também temos crescimento publicitário vegetativo, e este ano ainda tem uma queda.

Agora, vale lembrar noções sobre risco e oportunidade. Quanto maior o risco, maior a oportunidade; quanto menor o risco menor a oportunidade. Existem casais que esperam o momento certo para ter filhos, e acabam não os tendo. Se esperarmos para ter um modelo totalmente definido, com todas as dúvidas sanadas, poderemos ter um mercado de televisão no Brasil, mas não teremos mais TV de Primeiro Mundo". (Roberto Franco, Vice-Presidente da SET — Sociedade de Engenharia de Televisão – 24/4/2002)

07-Estamos, hoje, prestes a fazer outra escolha. Estamos até um pouco ansiosos para que isso ocorra, para que não fiquemos atrasados em relação ao resto do mundo. Mas precisamos ter em mente que, da mesma forma como decidimos um padrão há trinta anos, esse novo padrão afetará a sociedade brasileira, nas suas mais diversas formas, nos próximos trinta anos. (Marcelo Knörich Zuffo, Engenheiro Eletricista, professor da USP – 26/9/2002)

07-Isso significa que o sistema analógico será obsoleto. E isso já começou. Os Estados Unidos acabaram de definir 2004 como prazo para parar de fabricar aparelhos acima de 39 polegadas em analógico. Criaram um cronograma de desaceleração de fabricação. Isso significa que os nossos fabricantes vão começar a perder mercado se continuarem fabricando televisão analógica, porque o mundo inteiro já começou a se mexer para encerrar com o analógico. Então, temos de tomar todos os cuidados para uma decisão correta, e é o que estamos fazendo. Pelo que tenho estudado, não existe país que tenha estudado mais o assunto do que o Brasil. Já há algum tempo estudamos isso. Mas não devemos sentar, relaxar e deixar passar, porque vamos certamente correr muito menos risco, mas também vamos perder muitas oportunidades. Oportunidades que podem ser bastante sérias para o País. (Fernando Bittencourt, membro do Conselho de Comunicação Social, engenheiro com notório conhecimento na área de Comunicação Social)

07-No que se refere à questão da urgência, concordo com o que o Max disse. Creio que não precisaremos decidir isso este ano. Penso que – e aqui brincando com o Max – não precisaremos aguardar para vermos o que acontece; temos, sim, que nos aprofundar nos estudos, naquilo que está acontecendo, no modelo para também deslancharmos alguns projetos de pesquisa de desenvolvimento a fim de ocuparmos um espaço – quando digo nós, refiro-me a mim, ao software nacional – quando a TV digital vier. (Hélio Marcos Machado Graciosa, presidente do Centro de Pesquisa de Desenvolvimento em Telecomunicações – CPqD – 26/9/2002)

07-Por isso é que eu falei que o grande problema nessa história toda é o fator tempo. Isso porque somos premidos ou pressionados por uma definição em função do estágio tecnológico em que a televisão brasileira se encontra. Não podemos esquecer que pelos doze países por

onde as consultorias passaram foram vistos grandes problemas com a implantação da televisão digital. . (Marconi Thomaz De Souza Maya, Superintendente de Serviços de Comunicação de Massa Substituto da Anatel – 10/10/2002)

07-Qual é o risco do outro lado? Corre-se o risco de toda a indústria com que trabalhamos, há trinta anos, ficar obsoleta. E ninguém quer isso. A pressa da indústria de televisões no Brasil – e também das indústrias de broadcasting e de manufatura cinescópica e do aparelho de tevê – deve-se ao fato de essa saber que, se não se posicionar rapidamente, a cada dia, ficará mais obsoleta, correndo o risco de perder o bonde. (Marcelo Knörich Zuffo, Engenheiro Eletricista, professor da USP – 26/9/2002)

07-Tenho a impressão de que as operadoras têm uma certa pressa na definição do padrão, por questão de estratégia comercial, não sei. Mas talvez valesse a pena retardar-se um pouco a definição e estudar-se mais a fundo essa questão da tecnologia chinesa. Primeiro, porque é pouco conhecida. (Arnaldo Gomes Serrão, Coordenador-Geral das Indústrias Intensivas em Tecnologia da Secretaria do Desenvolvimento da Produção do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – 1/10/2002)

07-Terceiro: o acesso à tecnologia. Hoje, e isso já foi dito também, há uma indústria de televisores no Brasil à luz da obsolescência. Em dois, três ou quatro anos, como esse cronograma de implantação está muito acelerado em alguns países, não vamos conseguir nem vender para outros países. Precisamos estabelecer algum acordo comercial para que essas contrapartidas sejam viáveis. (Marcelo Knörich Zuffo, Engenheiro Eletricista, professor da USP – 26/9/2002)

8 – Padrão: sim e não

08.1-Com relação à questão de aguardarmos o padrão chinês, tenho a mesma posição do Marcelo. Creio que não temos conhecimento para saber em que estágio isso está para emitir uma opinião agora. Poderemos até fazer um estudo sobre o assunto para, posteriormente, passarmos alguma informação. (Hélio Marcos Machado Graciosa, presidente do Centro de Pesquisa de Desenvolvimento em Telecomunicações – CPqD – 26/9/2002)

08-Creio que enquanto sociedade todos esses aspectos devem ser muito bem discutidos e ponderados, sob pena de amanhã estarmos amargamente arrependidos de não termos pelo menos visitado essa possibilidade e tomado uma decisão após conhecimento de causa. Creio que é razoável pensar assim. . (Marconi Thomaz De Souza Maya, Superintendente de Serviços de Comunicação de Massa Substituto da Anatel – 10/10/2002)

08-Então, o encanto que o padrão chinês nos oferece é o de participarmos desde o começo e com um grande poder de barganha. Agora, é preciso vencer o preconceito. Honestamente, tenho preconceito, o que é ruim. Quando comparamos a qualidade da televisão brasileira com a chinesa, não há termos de comparação, mas, talvez, seja preconceito. Quem sabe esta Comissão pudesse ser o núcleo de decisão de consentimento, de acordos com as operadoras, não é, Conselheiro? Vamos esperar alguns meses, estudar a fundo essa questão da tecnologia chinesa, formar um grupo com representantes dos segmentos interessados, passar 15 dias, sei lá, com especialistas em suas respectivas áreas, visitar, conhecer, para nos possibilitar com segurança uma recusa simplesmente ou, pelo menos, uma decisão de se estudar mais. (Arnaldo Gomes Serrão, Coordenador-Geral das Indústrias Intensivas em Tecnologia da Secretaria do Desenvolvimento da Produção do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – 1/10/2002)

9 – Necessidade de modelo

09-"Considero, assim, que essa preliminar seja extrema e amplamente discutida para alimentar a consciência de que é fundamental e urgente uma definição para que essa evolução tecnológica se processe com a velocidade necessária, sem que, entretanto, isso exija nesse momento, pelo menos, uma definição clara de padrão. O que me parece fundamental é a definição de políticas para que o radiodifusor, a indústria, o proponente, a indústria eletroeletrônica, possa estar certo de que estão asseguradas condições para que um determinado padrão, aquele que melhor atender as conveniências do País, sejam atendidas". (Antonio Telles, Presidente da União Nacional de Emissoras e Redes de Televisão – UniTV – 11/6/2002)

09-"Eu queria fazer um comentário sobre a apresentação do Prof. Murilo. Concordo com 80% do que foi dito, mas discordo de algumas coisas. Não acho que deveríamos aproveitar a transição da TV analógica para a digital para rediscutir televisão. Até admito que a televisão pode ser discutida a qualquer momento, a qualquer hora, mas não aproveitar este momento, que é o momento que a televisão tem para se manter competitiva, para querer discutir a televisão dentro de uma lei de comunicação de massa, de algo que levará anos e não sei onde vai parar, quando na realidade o ponto, no meu entender, é o seguinte: isso é para manter a televisão atualizada. Não estamos mudando basicamente o conceito, que será a televisão continuar livre e gratuita como na maior parte de seus conteúdos. Pode ser que se cobre um CD quando for vendido ou um serviço ou outro, mas, basicamente, a televisão continuará livre e gratuita, vivendo de publicidade. É evidente que terá de ser regulamentado esse aspecto da transmissão analógica ou digital, que exige uma regulamentação, mas não entendo que essa discussão deva ser levada a outro nível, numa questão mais política da televisão aberta, porque isso seria aproveitar o momento de fragilidade da televisão, a qual necessita de um suporte para transitar, para continuar competitiva, para revê-la. Eu não concordo com isso. A Anatel, quando discutiu a telecomunicação analógica e passou para a digital, ninguém discutiu o que a digital faria que a analógica não faz. Os **players**, as empresas de telecomunicações, receberam a mesma banda para fazer a digital que recebem para a analógica e, no entanto, a digital pode fazer muito mais coisas. Entretanto, a Anatel não pergunta se se pode fazer Internet móvel, e-mail ou o quê. Cada empresa faz o que quiser. Basicamente, está aí o serviço de comunicação multimídia, que mais flexível não pode ser, pois há uma liberação geral de qualquer mídia para fazer qualquer coisa. A Internet banda larga a cada dia se torna uma realidade. Ou seja, todas as mídias evoluem e por que, neste momento em que a televisão precisa se atualizar e se modernizar, vamos rediscuti-la toda? Admito até a discussão a qualquer momento. Pode ser agora analógica, pode ser no futuro digital, mas não aproveitar

este momento para rediscutir tudo, porque não é o caso. Estamos mantendo, basicamente, o mesmo conceito. Admito e até entendo que a discussão seja válida e necessária, mas não porque esteja passando de analógica para digital". (Fernando Bittencourt, Coordenador do Grupo ABERT/SET – 27/11/2001)

10 – Mais importante, particular

10-"Finalmente, na nossa opinião, é mais importante uma sólida negociação dessas contrapartidas com os detentores da tecnologia do que uma rápida conclusão dessas negociações. Assim, se necessário, os prazos de introdução da TV Digital podem e devem ser dilatados, em benefício de uma correta negociação para o País". (Marco Aurélio de Almeida Rodrigues, Vice-Presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica — ABINEE – 24/4/2002)